

Troca de títulos será voluntária, diz Pio Borges

Para o presidente do BNDES, empresas poderão ficar fora do acordo se o mercado for favorável

GUSTAVO ALVES

RIO — O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), José Pio Borges, disse ontem que será uma boa notícia se não houver interesse de investidores internacionais em trocar títulos de empresas endividadas na operação planejada pelo banco. “Quando essa operação não mais interessar, será porque o mercado está bom”, afirmou Borges, no primeiro dia do 11.º Fórum Nacional de Altos Estudos, na sede do banco.

O presidente informou que um fracasso da troca de títulos não deveria ser lamentado. “Seria como fazer um seguro de vida e ficar decepcionado ao constatar que não morreu”, comparou. No dia 21, será definido o número de investidores que entrarão na operação, e o volume de títulos a ser trocado.

Borges avisou que bancos que querem livrar-se de suas aplicações em papéis do mercado latino-americano já informaram que vão aderir à operação. Ele alertou que, caso as instituições financeiras queiram vender os papéis diretamente no mercado, em vez de trocá-los, terão prejuízos.

“Eles vão forçar uma baixa no valor do papel por muito tempo”, argumentou. Os bancos Indosuez e Australian New Zealand foram citados pelo presidente do BNDES como exemplo de instituições que vão realizar a troca de papéis, para sair do mercado latino-americano. Borges não quis dizer quanto as duas instituições têm aplicado em títulos de companhias brasileiras.

Ao comentar o anúncio feito pela Globopar, de que a empresa não tem necessidade de ser socorrida pela operação, Borges lembrou que a opção de trocar os papéis cabe aos investidores, e não às empresas que lançaram títulos no exterior. Ele negou que o BNDES seja o principal beneficiário da operação, porque o prazo de pagamento dos bônus lançados originalmente, de nove anos e meio, é praticamente igual ao dos novos títulos que seriam trocados. O montante da dívida do banco é de US\$ 1,25 bilhão.

Incentivos — Borges, afirmou que, para incentivar as exportações de pequenas e médias empresas, o banco estuda o oferecimento de incentivos aos bancos que repassariam recursos do BNDES para o setor, e a ampliação dos limites de classificação deste segmento pelo BNDES.

Enquanto o banco considera pequenas e médias empresas aquelas que faturam até US\$ 8 milhões anuais, o limite do Mercosul vai até US\$ 20 milhões anuais, e do Banco do Brasil (BB), US\$ 100 milhões. (AE)